

de outro modo, a vida e este mundo não teriam mais valor do que a própria poeira » (1).

É impossível, ao lêr estas frases, não recordar aquêl pensamento, do mesmo fundo, expresso por Romain Rolland :

«Tudo o que é grande é bom, e o máximo da dor atinge os cumes da libertação...» (2)

BENTO DE JESUS CARAÇA

(Conclue no próximo número).

(1) Carta a Andrews, em *Lettres à un ami*, Rieder.

(2) Jean Christophe, *La foire sur la place*, Albin Michel.

UM ESCLARECIMENTO

Do nosso prezado colaborador e amigo, Fernando Lopes Graça, recebemos a seguinte carta:

Paris, 24-3-1939.

Meu caro amigo:

Se isto não vai muito contra os hábitos intelectuais da *Seara Nova*, peço-lhe o favor de nela tornar público não ter eu tido interferência pessoal alguma nem na organização nem na realização da sessão radiofónica, dedicada aos «Portugueses de Paris», que, sob os auspícios da «Casa de Portugal», nesta cidade, foi transmitida pelo *Rádio 37*, na noite de 28 do passado mês de Fevereiro.

Com os meus agradecimentos, etc. — FERNANDO LOPES GRAÇA.

Cartas intemporais⁽¹⁾ do nosso tempo

XI

A um moço camarada, sobre qualquer possível influência do romance brasileiro na literatura portuguesa

Prezado camarada e amigo:

Há já algum tempo que lhe quero escrever. Decido-me hoje. Sabe porque tenho hesitado em fazê-lo? Porque não eram de natureza muito nobre as razões que me inclinavam ao silêncio: Não é sem luta que nos resolvemos a preferir uma atitude melhor, mas, por qualquer aspecto, um pouco arriscada, a outra menos leal, menos nítida, mas mais cómoda; mais conveniente aos nossos interesses.

E agora está Você quasi supondo que esta carta é algum acto heróico! Nada disso. Muitissimo relativa, não consiste a minha ousadia senão em esboçar eu algumas remadas contra a corrente dominante... A isso me habituaram sempre os que tenho por meus mestres. Além de que há um certo prazerzinho maligno, para os feitios como êste meu, em estar na opposição e andar ao arrepio da moda. Ainda bem que a maioria dos meus camaradas me não fazem melhor do que em verdade sou!

Postas as quais considerações pessoais e picuinhas psicológicas,— entro no assunto desta carta: que é o alarido de admiração ou reclamo actualmente erguido entre nós ante a literatura brasileira em geral, o romance em particular. Pela segunda vez, Portugal descobriu o Brasil! E vários descobridores à compita — inflamados como jovens que são quasi todos — se empenham em

cantar na *Revista de Portugal*, na *Presença*, na *Seara Nova*, n'*O Diabo*, no *Sol Nascente*, etc., as riquezas do novo mundo descoberto. Por ardente que seja, o seu artigo há dias publicado não é, caro amigo, senão mais uma acha na fogueira...

Ora assentemos nisto desde começo: Também eu sinceramente admiro, na literatura brasileira contemporânea, meia dúzia de nomes já, ou quasi, de mestres. Também eu sinceramente espero noutra meia dúzia de nomes. Inútil citá-los. Suponha Você que são os maiores e os mais esperançosos; os que também Você mais admira. Como, mau grado a ingênua impertinência de alguns, os escritores brasileiros escrevem em português, também eu tenho, lendo os seus livros, aquela atenção mais carinhosa, aquêl prazer estético mais completo, aquêl encanto mais grato, aquêl interesse mais pessoal, que damos às obras literárias da nossa língua. O que de-certo não quer dizer que várias obras em língua estranha não possam arrebatá-los mais a imaginação, a sensibilidade, a inteligência, do que seja que obra nacional fôr...

Fica pois assente que não escrevo publicamente esta carta para atacar a literatura brasileira contemporânea. No nosso doce Portugal, são sempre convenientes estas declarações inúteis. Na referida literatura vejo eu muitas coisas louváveis e também algumas censuráveis — estas e aquelas por igual características — dignas não tanto de

ataque ou apologia como de estudo. Exactamente!, prezado camarada e amigo: de estudo. Ora o que ao meu espírito combativo (peço licença para lhe lembrar que tenho outros *espíritos*) mais dá ganas de atacar, é a atitude que Você e outros tomam perante certos fenómenos literários dignos de estudo. Quere que lhe diga? Aí vai: Lisonjeando tão sollicitamente certas tendências da literatura brasileira contemporânea, Vocês, quanto a mim, não a respeitam, não a consideram, não a pesam como ela o merece; como o merece qualquer literatura. É paradoxal, pois não? Será. Mas não me parece a mim que seja estimar uma obra literária tomá-la como pretexto ou meio. E para Vocês, (não lhe peço senão um bocadinho de corajosa sinceridade perante si próprio) o romance brasileiro é um pretexto ou um meio. Senão, é ver: O livro brasileiro já faz no nosso exiguo mercado uma concorrência notável ao português. Muitos dos nossos jovens literatos já conhecem sobretudo os mais recentes romances brasileiros melhor do que os portugueses. Nos nossos jornais literários e revistas, já a secção consagrada à crítica de livros brasileiros iguala, ou antes: excede, a consagrada à crítica de livros nacionais. Quero supor que alguns dos estreantes dêsse grande Brasil cheguem a admirar-se da entusiasta boa vontade, da gentilíssima camaradagem, com que do lado de cá do Atlântico são reclamados os seus livrinhos enviados com amáveis dedicatórias. A propaganda da literatura brasileira contemporânea já quasi se vem tornando entre nós uma espécie de novo *gênero literário*, com seus especialistas e cultores encartados... E se isto que digo lhe parece excessivo, desconte o excesso: Ainda fica muita coisa para me dar razão. Ora ao cabo de todo este ruído, — bem raro surge um estudo realmente crítico sobre qualquer dessas obras tão apregoadas. Mais: Um artista como Coelho Neto, desigual, sim, mas autor de tantas páginas fortes e sugestivas; ou um verdadeiro mestre como o grande Machado de Assis — não parece tentarem por demais a curiosidade de certos críticos tão curiosos de tudo quanto ao presente sai dos prelos brasileiros. Como igualmente a não tentam, parece, várias obras contemporâneas saídas de outras literaturas, e não menos interessantes — salvo devido respeito — do que as eleitas. ¿Citarei ao menos uma, — essa admirável *Aventura em Budapeste*? Ora isto seria causa de algum espanto, se não soubéssemos ou não suspeitássemos todos, uns dizendo-o e outros calando-o, que não é verdadeiramente o amor da literatura ou a fina consciência crítica (coisas talvez menos correntes do que se julga) que atraem tantos, hoje, a tanto falar de livros nem mesmo sensivelmente melhores do que outros, portugue-

ses, passados em relativo silêncio. O interesse literário e o interesse crítico são neste caso confundidos com (ou submetidos a) interesses da mais variada ordem; ou inclinações da mais variada espécie.

Ora bom ou mau, eu sou artista e crítico literário. Bom ou mau, sou isso. E outras coisas que seja não veem à baila, ou só veem em segunda mão, quando se trate de criações literárias. Como artista e crítico literário me chocam certas confusões e certas astúcias. Ora lendo vários jornais e revistas, constato que a «literatura brasileira» se vem tornando entre nós uma espécie de moda; moda aliás sem correspondência: está longe de ser moda no Brasil o interesse pela literatura portuguesa... Nisso tem o Brasil tôda a razão, sejamos sinceros! Primeiro: porque nas coisas do espírito são as modas o que há de mais detestável ou desprezível: Segundo: porque, a exceptuarmos pouco mais de meia dúzia de nomes, a nossa literatura actual se manifesta de interesse restrito. O certo, porém, é também ser de interesse restrito a moderna literatura brasileira, a exceptuarmos... vá lá! uma dúzia de nomes. Está isto a parecer-lhe blasfémia, ¿ não? ¿ Mas não o preveni de que, bom ou mau, sou artista e crítico literário? Pois bem, prezado camarada: vou precisar ainda melhor a minha irritante confissão. Sim, sou um «literato»! sou um «intelectual»! E para cúmulo: Estes vergonhosos termos, tão qualificativos do meu espírito rotineiro, ousou metê-los eu próprio entre aquelas aspas com que os avançados sublinham a sua estreiteza... (sua estreiteza dêles, termos). (Segundo parêntesis: Para evitar confusões, resisto à tentação de também pôr aspas ao termo *avançados*...)

Sendo o que sou, julgo, pois, distinguir muito bem a literatura da política ou da propaganda, quaisquer que estas sejam. Por isso a meus olhos míopes tanto vale o neo-realismo social como qualquer outra escola ou tendência literária. O preconceito populista é-me exactamente idêntico ao de se não escrever tragédias senão com gente régia, nem pôr dramas em cena senão decorrentes nos Estoris, nem designar as próprias coisas comuns senão por sinónimos, circunlóquios, metáforas. Tanto me interessam, em literatura, os problemas ou dramas da miséria ou da fome como os da consciência, do sentimento, do pensamento, do instinto. Fome de pão ou ânsia de conhecer a verdade e o bem, apelos da animalidade ou escapadas para Deus, revolta contra a miséria económica, social, do meio, do momento, ou imprecação tanto contra um destino individual, fisiológico, psicológico, como contra o geral destino humano, — tudo são gritos ou modos por que e como se exprime a nossa imensa aspiração à felicidade; a

uma felicidade sempre mais ampla. Na já referida estreiteza do meu pensar e sentir, sinto e penso eu que a variedade dos modos por que a humanidade se afirma corresponde justamente a variedade dos temperamentos literários... E que é bom que a todos os destinos estenda a arte a sua grande consolação e a sua espiritualização integral. O maior artista é para mim o mais rico. Isto é: o cujo mundo próprio, sem trair a unidade essencial, mais ampla e mais profundamente abrange a variedade do mundo. Não distingo, pois, os livros por uma distinção das classes dos personagens, não avalio a humanidade duma obra pelos partidarios, dogmatismos, exclusivismos e restrições do autor, e, muito longe de considerar as características de *actualidade* e *localidade* valores da obra de arte, (ou, em geral, das obras do espirito) julgo que, actuais e locais ou não, só são realmente grandes aquelas obras que o selo da eternidade e da universalidade distingue. Não é isto ignorar que o pitoresco e o anedótico sejam muitas vezes necessários à obra de arte: Só é julgar que não é por elles que as obras de arte sobem, duram, valem.

Se isto é ser atrasado e burguês, não há dúvida alguma!: sou o mais atrasado e chapado dos burgueses. Se isto é não ter avançado com o meu tempo, eis-me aqui o mais trôpego dos velhos. *De profundis...* Burguês e caquético nato: pois quasi «*inda eu era pequenino*», como diz a cantiga, e mal que garatujava uns artiguítos e literatices sem consequências (mas já com pretenções) eis logo se divisavam nessas primicias as supra-citadas funestas tendências... Mas o pior, meu amigo e prezado camarada; o mais irritante e o mais lamentável — é que exactamente refocilo com voluptuosidade intelectual neste meu burguesismo, neste meu atraso, nesta minha precoce velhice. Talvez por uma simples razão: É que nem por isso penso ou sinto (mas esta deve ser mais uma manifestação da minha miopia sensitiva e mental) que tão enraizados defeitos me impeçam de farejar o talento onde quer que se encontre, ou me roubem as variadas curiosidades que sempre tive...

Continuando, portanto, e completando um pouco: Quatro coisas me parece essencial dizer a-propósito da possível influência, que já alguns se apressam a descobrir, da moderna literatura brasileira sobre a moderna literatura portuguesa:

a) — Não se deve confundir literatura com política ou sociologia, nem a arte literária é propaganda seja do que fôr.

b) — Uma parte da atracção da nossa literatura pela moderna literatura brasileira resulta de se reverem certas características da literatura portuguesa em idênticas características da moderna literatura do Brasil.

c) — O Brasil tem, ou tende a ter, actualmente, uma literatura própria, que não é a que pode ter Portugal.

d) — A moderna literatura brasileira não é a mais própria a enriquecer a portuguesa com o que nesta é deficiente.

Permita-me ainda algumas considerações sobre cada uma destas alíneas. Depois do que encerrarei esta carta, cõscio de ter despertado mais algumas antipatias; sobretudo sobre os meus camaradas mais novos, aquêles por quem mais me interesse... Por isso mesmo, aquêles perante quais mais vezes terei de expor as minhas discordâncias ou as minhas dúvidas. Tendem os rapazes de hoje a substituir o antigo livrinho de versos da estreia por artigos criticos e ensaios. Nada mais natural do que arder nesses artigos muita febre de apostolado, muita impaciência e vontade de afirmação ou combate. Nada mais natural do que trair-se nêles uma grande inexperiência da complexidade dos problemas; ou, por outras palavras: da riqueza da vida. Na fraca medida das minhas forças, e resignado quasi ao meu carapuço de atrasado e burguês, (eu que sempre me obstinei na ilusão de combater os meus irmãos burgueses atrasados...) não deixarei, por mim, de tentar ajudar os camaradas novos contra as confusões, as injustiças, os simplismos tão vulgares em criticos da primeira mocidade. Dirá Você, que é um deles, que ninguém mo pede. Pois não. Mas também, nada na minha consciência mo impede. Voltemos pois ao nosso pretexto,—o romance brasileiro.

JOSÉ RÉGIO

(*Continua*)

(1) Já muito depois de eu ter principiado a publicar na *Seara Nova* umas *Cartas do nosso tempo*, começaram de aparecer n' *O Diabo* outras *Cartas do nosso tempo* que quemquer pode verificar não serem minhas. Ora um dia, o meu amigo José Marinho falara meio a sério meio a brincar nas minhas *Cartas INTEMPORAIS do nosso tempo*. Ail bem sinto eu que estas divagações, tão cheias ainda de pessoalismo e sujeitas às circunstâncias, não merecem o título que passo a dar-lhes! Mas fôra com êle que um dia as quisera reünir em volume: Isto no caso de, após alguns anos e muitas correcções, ainda terem interesse e portanto justificarem o arrôjo. Se, pois, lhe attribuo desde já um belo título ainda não conquistado, é porque... o seu a seu dono: Verdadeiras *Cartas do nosso tempo*, — ainda as publicadas n' *O Diabo* são mais do que as minhas. A não ser que ignorasse a minha colaboração na *Seara*— coisa aliás muito verosímil — talvez seu autor me quisesse significar isso mesmo.

TRANSCRIÇÕES

O magazine brasileiro *Vamos ler* transcreveu da *Seara Nova* o artigo *Saint-Hilaire e o Brasil de ontem*, do nosso colaborador Túlio Hostílio Montenegro.